

As malhas dos impérios e alguns trânsitos anticoloniais

The meshes of the empires and some anti-colonial transits

RITA CHAVES*

Situado sob um céu de contradições, o debate em torno das teorias pós-coloniais, a par dos equívocos que obviamente abriga, vai abrindo um espaço fértil à discussão acerca dos problemas que a expansão colonial impôs ao mundo. Com origem na crítica literária e nos estudos culturais, esse campo de estudo tem propiciado olhares diversificados e renovados sobre questões fundamentais nos espaços localizados fora dos centros metropolitanos, ou seja, aqueles em que foram geradas as chamadas narrativas mestras que serviram de base à leitura de textos e interpretação do mundo durante tanto tempo. Muito embora estejam esmaecidas as cores das bandeiras em que se projetaram as utopias libertárias, as mudanças processadas nos territórios colonizados convidam a novas visões de velhos problemas. Já um clássico em nosso tempo devorador de conceitos e valores, há algumas décadas, Edward Said apontou-nos a urgência do combate contra os “universalismos fáceis e as totalizações generalizadoras”, sugerindo enfaticamente a necessidade de se descentralizar a história metropolitana e, com isso, acessar outros modos de ler o passado e o presente.

É nessa perspectiva que podemos compreender a bem-vinda publicação dos textos que Manuela Ribeiro Sanches reúne para compor o volume *Malhas que os impérios tecem*. Textos anti-coloniais, contextos pós-coloniais, com selo das

* Universidade de São Paulo (USP), São Paulo-SP, Brasil. E-mail: rita.chaves@uol.com.br.

Edições 70. O célebre verso de Fernando Pessoa, utilizado em chave irônica, é senha para se perceber as notas que estruturam a valiosa compilação discursiva aqui apresentada. Num diálogo vivo com o pensamento de Said, a organizadora explicita o lugar de onde fala, distanciando-se nitidamente de uma postura hipoteticamente neutra. O sentido de revisitação de situações complexas e/ou penosas não é escamoteado, mas visto também como demanda de um determinado contexto, assim percebido por ela:

A memória da guerra colonial, os conflitos sobre uma descolonização apelidada de de exemplar ou desastrosa revelam, no caso português, o modo como essas feridas continuam abertas, sobretudo nas gerações que as presenciaram. As memórias dos “retornados” afloram timidamente, sempre em termos de um debate controverso que parece longe de encerrado.

.....

Uma vez que o luto desse momento está longe de ser resolvido, urge revisar os elementos ‘fundadores’ do pós-colonial, representados pelos textos aqui reunidos: propostas diversas, por vezes contraditórias, mas todas elas militantemente anticoloniais. (SANCHES, 2011)

Organizada em duas partes (“Viagens transnacionais, afiliações múltiplas” e “Poder, colonialismo, resistência transnacional”), cada qual com seis textos, a coletânea reúne vozes mais que diversas, às vezes mesmo dissonantes, que nos conduzem a um universo de dados e reflexões extremamente produtivo para a percepção das crises que definem a nossa contemporaneidade. Uma parte dessa riqueza encontramos precisamente no fato desse coro, tão dissonante quanto harmônico, associar nomes de conhecidos estudiosos de questões coloniais como Du Bois, Georges Balandier e Michel Leiris a outros que, como Aimé Césaire, Amílcar Cabral, Eduardo Mondlane e Frantz Fanon, articularam fortemente à reflexão uma práxis que nos permite reconhecê-los como protagonistas das lutas contra o colonialismo que se prolongou no continente africano. O livro nos traz ainda a palavra de militantes que tiveram a chance de integrar governos formados após as independências como Kwame Nkrumah, Léopold Sédar Senghor e Mario Pinto de Andrade.

Ao colocar lado a lado textos produzidos em francês, inglês e português, a seleção abre-nos a possibilidade de incursionarmos por diferentes paisagens imperiais, deixando enfraquecida a crença na especificidade de certos projetos coloniais com que nostálgicos da glória antiga procuram convocar a nossa compreensão e requerer nossa benevolência. E fica assinalada a relevância das trocas e dos cruzamentos na criação de novas propostas teóricas que, ultrapassando as fronteiras linguísticas, refletem a convergência de experiências. O leitor vê-se, assim, nas próprias palavras da organizadora, diante de

Malhas tecidas por impérios distintos, sem dúvida, mas que se influenciaram reciprocamente em todos os sentidos, desde os discursos e textos em circulação até aqueles que os enunciaram, deles foram sujeitos ou objetos. (SANCHES, 2011)

No contato com essa variedade de domínios geográfico-culturais, o leitor depara-se com uma rede de aspectos e contradições constitutivas do mundo colonial, podendo observá-lo como um fato total, como defende Balandier e como, no quadro de sua experiência, avalia Mondlane. Pensadas de forma vertical, a alienação, a exploração desmedida, as práticas racistas e a subalternização cultural evidenciam-se como traços inerentes ao que Sartre reconhecia como um sistema e que se expande no tempo e no espaço, ocupando as terras africanas e espalhando-se pelas Américas. E, o que é inteiramente louvável, pode confrontar a leitura que nasce da visão sensível de Leiris com aquela que se alimenta da observação de dentro de Nkruhmah.

Como declara a autora, esse volume pode ser visto como uma continuação de *Deslocalizar a Europa*, editado em 2005. Na mesma trilha, embora com algumas particularidades, podemos situar *Portugal não é um país pequeno*, que ela nos ofereceu em 2006. O que importa destacar nesse conjunto é a coerência de uma perspectiva que privilegia, por um lado, a pertinência da ligação com o contexto de origem de cada reflexão, por outro lado a legitimidade de apropriações criativas que revalidam certos instrumentais analíticos e favorecem relações iluminadoras. A valorização dessa dinâmica que impulsiona determinados gestos desveladores, que Manuela Ribeiro Sanches localiza em Said, nós podemos detectar nas escolhas que marcam o seu trabalho, sempre empenhado em descentralizar o que parece sagrado.

O belo e profundo texto introdutório, para além de uma eficiente apresentação dos autores compilados, expõem-nos a motivação dessa revisitação. Ao apresentá-los, a autora refere os sinais em que se projeta a permanência da colonialidade, oferecendo-nos caminhos fecundos para repensarmos as sociedades e relações pós-coloniais, num movimento em que podemos ler a precisa indicação de que a partícula “pós” não pode ser tomada como marco cronológico, como expressão de uma ruptura efetiva.

A aproximação desses textos, que estão inseridos num período entre as décadas de 20 e 70, atravessando a agitação do século XX, não traduzem uma atitude nostálgica. Ao contrário, quando o mercado impõe a voracidade das modas, a retomada desses clássicos exprime uma saudável atitude de resistência. Ao recuperá-los, recupera-se a memória dos tempos em que surgiram e opera-se o resgate de muitas das representações que sua escrita procurou elaborar. Sua retomada hoje é também uma maneira de erguer o método comparativo a partir de uma perspectiva que cruza espaço e tempo e tem no olhar sobre o passado uma forma de perceber as novas configurações e analisar as marcas que, permanecendo nas sociedades enredadas pela máquina colonial, compõem as fantasmagorias com que se defrontaram as utopias determinantes das lutas que alguns desses autores viveram e outros apoiaram.

Referências Bibliográficas

SANCHES; Manuela Ribeiro. *Malhas que os impérios tecem*. Textos anticoloniais contextos pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, 2011.

Recebido em 09 de abril de 2012 e aprovado em 25 de junho de 2012.